Biotipologia e Genealogia

(Aplicadas aos meus filhos)

Pompeu Pequeno de Sousa Brasil

Proponho-me, aqui, a evidenciar as correlações dessas duas ciências, ramos da biologia ou, melhor, da antropologia.

Biotipologia não é o conhecimento do indivíduo, como alguns o presumem. Mas, aplicando-a a casos concretos, torna-se mais fácil expor-lhe os princípios. Eis porque vou apresentar os dados referentes aos meus filhos.

I

BIOTIPOLÓGICA

É uma das mais novas ciências. Como o seu nome o denota, constitui a cognição dos diferentes tipos de organismo que se encontram nas raças de cada espécie de ser vivo.

A biotipologia humana é, pois, uma promoção da antropologia. Referindo-se a grupos menores do que esta, aproxima-se mais do indivíduo.

Entretanto, não tem êste por objeto, como alguns o crêem. Por vários motivos. Primeiro, por impossível. Sendo os indivíduos em número grandíssimo, não poderia estender sua investigação a todos, ficando sempre incompleta.

Segundo, por dispensável. Sendo relativamente fácil a aplicação do conhecimento de tipo ao de pessoa, o desta não se nos impõe.

Terceiro, por ilógico, no caso de considerá-la ciência. Essa, desde os primeiros filósofos, sempre foi definida como a cognição do geral. Quem quer que diga o contrário incide em erro lastimável. Pode-se analisar o individual e deve-se mesmo fazê-lo. É o início de todo conhecimento. Mas, em vez de ciência, cria-se apenas história.

A biotipologia surgiu no último quartel do século passado, porém empiricamente. Só se tornou legítima ciência no começo do atual, graças aos trabalhos de Giacinto Viola. Ele a levou até o ponto de permitir sua aplicação ao indivíduo, introduzindo-lhe a lei dos erros acidentais, de Quetelet-Gauss, exprimível quantitativamente pelo binomio de Newton ou pelo triângulo de Pascal.

A biotipologia distribui os organismos, preliminarmente, em dois tipos: normal e anormal.

O primeiro pode ser interpretado de três pontos de vista: do ideal, da responsividade, da estatística.

O normal ideal é julgado sobretudo "o valor máximo de uma espécie" (Hildebrant). Equivale ao belo pseudo estético, de Lalo.

O responsivo é o adaptado suficientemente ao meio bio-social (Grote).

O estatístico é o correspondente ao valor central do grupo étnico a que pertença.

Esse valor pode consistir em média aritmética (subordinada ao número de factos) ou em quantidade mediana de uma série (pouco expressiva para série assimétrica) ou em maior frequência (modal), preferível, por menos artificial.

Mas o normal, como se apreende imediatamente, abrange, além desse valor, os mais próximos. Esses, porém, só devem ir até um ponto mais ou menos fixo. Para Viola, o normal compreende no máximo mais ou menos 3 graus centesimais.

Emprega-se essa quantificação, porque, além de dar a diferença em relação à média, faculta comparar quantidades heterogênias (extensão, superfície, volume, etc.).

Grau centesimal (g) é o centésimo do valor médio (m): $g = \frac{m}{100}$ Graus centesimais (n) dum desvio para com a média: $n = \frac{i - m}{g}$ (i, medida individual) $= \frac{d}{g}$ (d, essa diferença). Ou, multiplicando ambos os termos da fração por 100: $n = \frac{d.100}{m}$

Segundo o mesmo cientista, o normal não patológico é bem mais amplo: mais ou menos 3 sigmas (desvio padrão: raiz quadrada da média aritmética dos desvios ao quadrado, contados da média como origem).

A biotipologia subdivide o normal e o anormal em vários outros tipos, encarando-os sucessivamente como forma, atividade e consciência. Essa, por uma face, é modalidade do dinamismo; pela outra, fato psíquico.

Todos se baseiam sobre o patrimônio hereditário, como a pirâmide representativa do biótipo humano, de Viola, porém encerram mais ou menos algo do que lhes comunica o meio externo.

Descrevê-los-ei quando se me depararem nestes dois casos concretos.

Ao fim, tentarei, tanto quanto possível, reconhecer os genomas paternos e distinguir o fenótipo (conjunto aparente dos caracteres hereditários) do parátipo (conjunto dos caracteres adquiridos, não hereditários).

A) MORFOLÓGICA

Quanto à forma, como quanto ao mais, a biotipologia estabeleceu grupos mediante relações de valores característicos.

Para isso, atendeu à importância biológica das diferentes partes do organismo: tronco, sede do sistema vegetativo; membros, instrumento do sistema de relações; tórax, laboratório da hematose; abdômen, sede da digestão e da absorção; etc.

Escolheu pontos de reparo inconfundíveis.

Empregou aparelhos capazes de fornecerem medidas exatas (antropômetro, etc.).

E reduziu essas, não só ao mínimo de quantidades úteis, mas também a graus centesimais.

Em morfologia, Viola concebeu duas modalidades de relações: fundamentais, que constituem o seu "sistema fechado"; e complementares, que compõem o seu "sistema aberto". Aquelas se referem sòmente ao tronco e membros, excluídos pés e mãos. E essas, a outras particularidades de tais partes e ao mais do corpo (crânio, etc.).

O quadro do professor de Bolonha, depois, foi ampliado pelo próprio autor, conforme a presença de todas as relações fundamentais ou a ausência de uma ou mais das mesmas: N^6, B^6, L^6 a N^1, B^1, L^1, etc.

Seus discípulos têm tentado aperfeiçoá-lo.

Barbara, prof. de Gênova, restringiu o critério classificativo apenas a uma das relações fundamentais, a mais importante, tronco-membros, tornando-a mais simples. Além disso, atribuiu mais importância à relação crânio-face, nivelando-a às fundamentais, e concebeu a da porção nasal-porção bucal. Mas, emprega o termo tronco como volume, com tôdas as suas dimensões. Lacaz de Morais não reconheceu correspondência entre os biótipos do corpo e os da cabeça.

Berardinelli, prof. do Rio de Janeiro, deu mais unidade à terminologia e distribuiu os grupos com mais naturalidade.

Outros biólogos têm feito classificação partindo de pontos de vista diversos.

Prado Valadares, prof. da Bahia, invoca as variações do ângulo de Charpy com as de estatura e as de aspecto da face. Mas êsses dados não definem tipos importantes, nem isoladamente, nem pelo conjunto.

W. Mills, afora o conceito fisiológico, utiliza o das alterações dos órgãos internos (pulmão, coração, estômago, cólon). Segundo o biótipo, essas vísceras apresentariam forma, direção e localização em parte diferentes. Mas os biólogos que aceitaram essa classificação, últimamente tendem a abandoná-la.

Sheldon, prof. da Harward University, emprega o ponto de vista embriológico. Mas não se deve trocar um princípio de aplicação fácil por outro incerto, tal o da predominância de cada folha blastodérmica.

A vista de tudo isso, adotarei a classificação de Viola, embora lhe acrescendo alguns dados de outras.

Parece-me que o seu defeito capital consiste em aproveitar os diâmetros horizontais (ant. post e transv.), que se modificam fácilmente com o regime alimentar, não sendo hereditários.

Vejam-se essas relações aplicadas aos meus filhos.

a) ANTÔNIO

QUADRO ANALÍTICO FUNDAMENTAL

Medidas Fundamentais

N. Medidas	N. médios	N. indiv.	Graus c.
1 Valor tronco	24,6	28,2	14
2 Valor membros	133,5	135	1
3 Valor torácico	7,39	12,8	73
4 Valor abdominal total	17,2	15,4	— 11,5
5 Valor abdominal superior	6,78	5,2	— 23
6 Valor abdominal inferior	10,42	10,2	0
Tórax			
7 Altura externo	14,9	20	33
8 Diâmetro transverso	25,7	32	30
9 Diâmetro ântero-posterior	19,3	20	0
Abdomen superior			
10 Xifo-epigástrica	14,3	14,5	0
11 Diam. transv. hipoc.	26,2	22,5	— 26
12 Diam. ant. posterior hipoc.	18,1	16	— 11
Abdomen inferior			
13 Epigástrico-púbica	21,9	17	— 22
14 Diametro bi-ilíaco	26,3	26	0
Membros			
15 Membro superior	56,1	54	— 3
16 Membro inferior	77,4	81	4,6
Medidas compostas			
17 Júgulo-púbica	51,1	51,5	0
18 Altura abd. total	36,2	31,5	— 13

Relações Fundamentais

Tronco-membros

$14 - 1 = 13$

Tronco-júgulo púbica

$14 - 0 = 14$

Diam. ant.-post. — diam. s transv.

$$\frac{0 + (-11) + (-11)}{3} \quad \frac{30 + (-26) + 0}{3} = 8$$

Abdómen-tórax

$(-11{,}5) - 73 = -84$

índices sintéticos

Valor somático

$$\frac{14 + 1}{2} = 7{,}5$$

Tipo morfológico

Combinação 5ª: B5 ou N5, ou para-central superior, de Viola.

2ª combinação (tronco + = membros +), ou macro-sômico, harmônico, de Barbara (ou macro-normolíneo, de Berardinelli).

Êrro específico

$$\frac{(-8) + (-84)}{2} = -\frac{92}{2} = -46$$

Êrro genérico

$$\frac{242}{10} = 24$$

QUADRO ANALÍTICO COMPLEMENTAR

Medidas complementares

1 Altura do crânio	12,5	14	
2 Diam. transv. crânio	14,8	15	
3 Diam. ant.-post. crânio	3,53	4	1,4
4 Volume indice crânio	19,1	20	
5 Altura nasal	4,7	6	
6 Diam. bi-zigomático	13,3	13,5	
7 Profundidade nasal	9,9	13	
8 Volume indice nasal	0,6	1	
9 Altura bucal	6,7	6,7	
10 Diam. bi-gonionico	9,9	10,5	
11 Profundidade bucal	11	13,8	
12 Volume indice bucal	0,72	0,95	
13 Vol. indice crânio facial	1,33	1,95	3,8
14 Perímetro torácico	83,4	92,5	1,9
15 Estatura	168cm	171cm	1,7
16 Peso	60k	62k	3
17 Angulo de Charpy	90°	40°	

Relações complementares

Crânio-face

$4{,}0 - 1{,}95 = 2{,}05$ Ou: $1{,}4 - 3{,}8 = -2{,}4$

(macro-sômico harmônico, de Barbara)

Porção nasal — porção bucal

$1 - 0{,}95 = 0$

Quociente do perímetro

$$\frac{171}{92{,}5} = 1{,}8 \text{ Ou: } \frac{1{,}7}{1{,}9} = 0{,}8$$

Quociente do peso

$$\frac{171}{62} = 2{,}7 \text{ Ou: } \frac{1{,}7}{3} = 0{,}6$$

Como o mostram essas medidas, relações e índices, Antonio afasta-se pouco do normal. Aos 25 anos de idade, presentemente, é de altura média e magro. Nunca foi gordo. Tem massa relativamente pequena, mas sem desarmonia de traços.

Seu tronco é um pouco superior ao médio, porém só em volume. Enquanto o abdomen no conjunto se encurta, sobretudo o superior, em microsplancnia, o tórax amplia-se. A caixa cárdio-pulmonar é comprida e larga. Espáduas mui ligeiramente inclinadas para a frente. O externo desce quase a prumo, em suave curva de cima para baixo, dissimulando o apêndice xifóide ou sem essa parte. Os últimos arcos costais, de rebordo pronunciado, aproximam-se em ângulo muito agudo. A panícula adiposa é fina, exígua.

As pernas são grandes, dando-lhe boa estatura. Mas os braços não as acompanham em desenvolvimento, ficando 2 cm. abaixo da média. Essa particularidade mesma lhe comprova a normalidade. Segundo Leonídio Ribeiro e W. Berardinelli (**Tratado de Biotipologia**, IV ed., 1942, p. 114-5), o exagero dos membros superiores denota "grave anomalia morfológica", muito frequente em criminosos.

O crânio de Antonio é mesaticéfalo, um tanto elevado, de capacidade um pouco acima da média. Não se confunda, entretanto, o valor índice do crânio junto com o índice cúbico. Para obter êste, deve-se, conforme Manouvrier, dividir aquêle número por 2, em seguida por 1,14 e atender mais alguma correção (redução até 100 cc.). O volume real é, pois, de 1.654 cc. A fronte, alta. A face, oval, de linhas salientes.

Em suma, ele pertence, na classificação de Viola, ao biótipo brevilíneo, sub-grupo 5, exprimível pelo símbolo $B5$ ou $N5$, mal distinguível do normolíneo. Corresponde, na de Barbara, à combinação B, designada macro-normolínea, por Berardinelli.

Inscreve-se no grupo 10 de Prado Valadares, tendo rosto aproximadamente pentagonal.

Podia incluir-se no subtipo hiposténico, de Wills. Entretanto, sua radiografia, com certa excedência da sombra do mediastino vascular para a direita, desloca-se antes para o estênico.

Propende para o mesomorfismo, consoante Sheldon, representável possivelmente pela fórmula: 1-3-1.

b) SONIA

QUADRO ANALÍTICO FUNDAMENTAL

Medidas Fundamentais

N. Medidas	N. médios	N. indiv.	Graus c.
1 Valor tronco	24,6	22,8	— 7
2 Valor membros	133,5	125	— 6,5
3 Valor torácico	7,39	6,97	— 5,7
4 Valor abdominal total	17,2	15,8	— 8
5 Valor abdominal superior	6,78	6	
6 Valor abdominal inferior	10,42	9,81	
Tórax			
7 Altura externo	14,9	14,7	0
8 Diâmetro transverso	25,7	26	0
9 Diâmetro ântero-posterior	19,3	18	— 6
Abdomen superior			
10 Xifo-epigástrica	14,3	13,7	0
11 Diam. transv. hipoc.	26,2	26	0
12 Diam. ant. posterior	18,1	17	— 6
Abdomen inferior			
13 Epigástrico-púbica	21,9	21	— 4
14 Diam. bi-ilíaco	26,3	27,5	4
Membros			
15 Membro superior	56,1	49,5	— 1,1
16 Membro inferior	77,4	75,5	— 2
Medidas compostas			
17 Júgulo púbica	51,1	49,4	— 3
18 Altura abdominal total	36,2	34,7	— 4

Relações fundamentais

Tronco-membros

$(-7) - (-6,5) = -0,5$

Tronco-júgulo púbica

$(-7) - (-3) = -4$

Diams. ant. posts.-diams. transvs.

$$\frac{(-6)+(-6)+(-6)}{3} - \frac{(0)+(0)+(4)}{3} =$$

$$= \frac{-18}{3} - \frac{4}{3} = -6 - 1,3 = -7,3$$

Abdomen-tórax

$(-8) - (-5,7) = -2,3$

Índices sintéticos

Valor somático

$$\frac{(-7)+(-6,5)}{2} = -\frac{13,5}{2} = -6,7$$

Tipo morfológico

Longilínea, combinação 1 ou 4, $L1$ ou $L4$, de Viola. Variedade D, longitipo deficiente, de Barbara. Micro-longilíneo, de Berardinelli.

Êrro específico

$$\frac{(-0,5)+(-4)+(-7,3)+(-2,3)}{4} = -\frac{14,1}{4} = -3,5$$

Êrro genérico

54/10 = 5,4

QUADRO ANALÍTICO COMPLEMENTAR

Medidas complementares

1 Altura do crânio	12,5	14,5	
2 Diam. transv. crânio	14,8	14	
3 Diam. ant. post. crânio ..	19,1	18	
4 Volume índice crânio	3,53	3,65	
5 Altura nasal	4,3	5	
6 Diam. bi-zigomático	13,3	12,5	
7 Profundidade nasal	9,9	11,7	
8 Volume índice nasal	0,6	0,7	
9 Altura bucal	6,7	6	
10 Diam. bi-gonionico	9,9	10	
11 Profundidade bucal	11	12	
12 Volume índice bucal	0,72	0,72	
13 Volume índice face	1,33	1,45	
14 Perímetro torácico	83,4	80 — 4	
15 Estatura	160	155 — 3	
16 Peso	53	53 0	

Relações complementares

Crânio-face

3,65 — 1,45 = 2,20

Porção nasal — porção bucal

0,73 — 0,72 = 0,01

(nariz-boca em proporção)

Quociente do perímetro

$$\frac{155}{80} = 2 \text{ (aprox.) Ou: } \frac{155 - 3}{80 - 4} = 0{,}7$$

Quociente do peso

$$\frac{155}{53} = 2{,}9 \text{ Ou: } \frac{155 - 3}{53 - 0} = 0 \text{ (biotípicamente)}$$

Apesar da estatura baixa, correspondente à média da mulher brasileira ou a pouco menos, tem um tipo morfológico quase normolíneo, com todas as relações fundamentais congruentes. Seu valor membros, em graus centesimais, pouco difere do valor tronco, mostrando um sistema de vida de relação nivelado com o da vegetativa. Tronco, um pouco mais desenvolvido verticalmente do que nos sentidos horizontais. Além disso, achatado, em vez de bombeado. Tórax, quanto à média, um pouco maior do que o abdomen, denotando pequena superioridade da propulsão sanguínea e da hematose sobre a digestão e a absorção. Massa corporal, abaixo da média. Tendência à longitipia, mui reduzida. O erro específico pode-se considerar nulo, pois pouco excede à tolerância teórica. O grau de desarmonia, também desprezível. O volume do crânio e o da face, precisamente, médios. Igualdade da porção nasal com a bucal. Quociente do peso designativo de leucodermia. Quociente do perímetro, médio.

B) FISIOLÓGICA

Aos caracteres morfológicos dos biótipos correspondem, naturalmente, os fisiológicos, pois uns e outros, apesar da diversidade aparente, nada mais são do que aspectos duma mesma cousa, o estático e o dinâmico.

Infelizmente, o atraso da ciência não nos permite justapô-los exatamente entre si. Com os recursos atuais do conhecimento, apenas podemos aproximá-los.

Para logo se notou que os biótipos fundamentais revelam isoladamente as três modalidades do tono muscular ou vital. Donde, a classificação: esténicos, hipoesténicos e hiperesténicos. Os quadros variam nas minúcias, mas se equivalem nisso (Pende, W. Mills, etc.).

Aspira-se reunir as funções em grupos naturais. Pela observação exclusiva delas, podíamos consegui-lo. Mas, para verificar se não nos enganámos, torna-se necessário descobrir-lhes tanto os antecedentes funcionais estritamente dítos como os materiais, ou físico-químicos, que os condicionam.

Sabemos que a vida vegetativa, em suas múltiplas manifestações, é harmonizada por dois meios: endocrínico e nervoso. Por isso, pretende-se subordinar as funções aos mesmos, sobretudo ao primeiro, por mais primitivo.

A regulação química do organismo resulta da correlação de todos os hormônios, que agem mais ou menos simultâneamente. Mas se tem considerado como de influência preponderante o complexo secretório da hipófise, mormente o da anterior.

Podíamos fazer corresponder aos três biótipos morfológicos os seguintes: eupituitáricos, hipopituitáricos, hiperpituitáricos. Mas só parcialmente, pois alguns desses hormonios produzem efeitos divergentes. Pende julgou mais importantes os da tireóide. Podia-se sobrepor-lhes os das glândulas sexuais. É preferível, pois, agir menos sistemàticamente.

Quer o brevi, quer o longilíneo têm ordinàriamente, para cada hormônio, duas variedades, correspondentes à majoração e à minoração do mesmo, nem sempre coincidentes entre si.

Igualmente, em relação aos dois nervos que regulam a vida vegetativa, o simpático o vago.

Não se admite mais hoje o antagonismo mútuo deles ao modo de Eppinger e Hess 1909). Julga-se um sistema de ações harmônicas, variáveis não só com o biótipo, mas também com a idade e o estado fisiológico em geral (sono, digestão, gravidez, etc.). Podem até ser mistas (vago-estésicas no aparelho respiratório e simpatico-estésicas no coração).

A impulsão nervosa desses nervos transmite-se aos músculos por meio de dois hormônios: acetilcolina e adrenalina.

A endocrinologia e a neurologia ainda estão pouco seguras, sobretudo aquela. Suas relações só têm significação quando mui acentuadas e congruentes. À vista disso, em bioquímica, ordinàriamente nos reduzimos a medidas de alguns hormônios e substâncias mais simples, cujas variações também traduzem as funções do organismo.

No tipo hiperestênico, ou brevilíneo, aumentam no sangue as percentagens de: potássio (ionte do vago), sódio, amino-ácidos, proteínas, ácido úrico, etc. No hipostênico, ou longilíneo, as substâncias que aí se acentuam são: cálcio (1% a mais, ionte do simpático), magnésio, fósforo, glicose (em jejum), colesterina, etc.

a) ANTONIO

QUADRO ANALÍTICO

Medidas principais			
N. Medidas	N. médios	N. indiv.	Relações Potássio-cálcio
			...
			Metabolismo basal
1 Potássio	20 em 100%	...	Padrão Booth-Sandiford 16,21 a 19,38%
2 Cálcio	10 em 100%	...	Padrão Aub-Du Bois 13,03 a 16,33%
3 Glicose (em jejum...	1	...	Padrão Harris-Benedict 12,49 a 15,40%
após ing. em 100cc,			(Inexpressivo, para o professor
de 1/2 em 1/2 hora		...	Berardinelli)
4 Gonadotropinas	5-25 Mutu.	35	Endocrinológica
5 Testosteronas	14mil. gr.	12	(normal, para o professor Cyro Nogueira)
6 Estrógenos	2-6u. R.	10	Neuro-vegetativa
			Entre estênico e hipostênico
Medidas secundárias			
1 Fósforo	40	...	
2 Colesterina	180	185	
3 pH	7,4	..	
4 Grupo sanguíneo ..	12	...	
5 Pulso	70	64	
6 Tono arterial: sist. .		12,5	
diast.	7,5	8	

Antonio tem um tono vital um tanto anômalo.

Em criança, por ocasião de gripes, sofreu alguns ataques de asma, fracos, de quatro a seis, seguramente menos de oito. Em seguida, durante algum tempo, foi sujeito a dores no flanco direito do ventre. Examinado por cirurgião, não denotava apendicite. Acalmavam-se com banhos mornos. Depois, de meio em meio ano, aproximadamente, provocados por qualquer perturbação digestiva, mesmo apirética, teve acessos prolongados de vômito. Cerca de sete. Vomitava de dez em dez minutos, durante doze a dezoito horas. Não tolerava qualquer alimento, mesmo água mineral. Apesar do tratamento sintomático, não melhorava, chegando quase à adinamia. Inesperadamente perdia o estado nauseoso e se restabelecia de pronto, com um mínimo de dieta. Já na juventude, sobretudo em seguida a exercícios ginásticos, apresentou palpitações cardíacas, com dores, sem manifestar lesão orgânica em radiografia. Teve até há pouco longas crises de espirro. Mas disso se curou com anti-histamínicos.

Gosta de desportos, porém de ordinário despende pouca atividade.

Só com esses fatos se podia determinar seu tipo fisiológico. A asma (contratura dos músculos de Reissessen, etc.), as cólicas (contratura intestinal, por excitação dos plexos mesentéricos, formados em parte pelos ramos eferentes do plexo solar, por sua proveniência

dos gânglios semilunares, aonde chegam o simpático e pneumogástrico), os vomitos e a rinite espasmódica revelam claramente que em sua infância acusara um estado quase contínuo de eretismo vagal. Posto que nessa idade todas as pessoas sejam propensas à pneumogastricotonia, ele a teve em grau superior ao ordinário. É, pois, vagoestésico. Mas, não raro lábil (cardialgias).

Afora isso, lembremo-nos que o seu diâmetro ântero-posterior do tórax é normal. Crânio, alto. Tem musculatura potente, mesmo sem treino. Olhos grandes. Dentes bem implantados, sem tendência à cárie. Mento não estrito. Capacidade respiratória média. Tensão arterial relativamente elevada.

Deve-se, portanto, mais exatamente, colocá-lo entre vagoesténico e vagolábil.

b) SONIA

QUADRO ANALÍTICO

Medidas principais

N. Medidas	N. médios	N. indiv.	Relações
1 Glicose, em jejum ..	1,0	1,19	Metabolismo basal
após ingestão de			Padrão Boothby-Sandiford 35,31
1/2 em 1/2 hora ...		1,36	Padrão Aub-Du Bois 35,31
		1,22	(Ação dinâmico-específica dos alimentos,
		1,22	pelo metodo de Werner, baseado nos
		1,40	padrões acima: 8,7%
		1,18	Endocrinológica
		1,20	Normal (para Cyro Nogueira)
		1,31	Neuro-vegetativa
		1,36	Estênica
2 Gonadotropinas . .:	15 M. ut. u.	9 M.ut.u.	
3 Estrógenos	15 u. R.	8 u. R.	
4 Quetouteróis	7 miligr.	5 miligr.	
5 Progesterona	4 miligr.	1,5	

Medidas secundárias

1 Pulso	68	64
2 Tono arterial: sist.	11,5	11
diast.	7	6,5

Apresenta um tono fisiológico normal. Apesar da herança materna, nunca teve asma, mesmo discreta. Nem dores de ventre, nem vomitos, nem cardialgias, como o seu irmão.

Espirra ultimamente com alguma frequência, mas ainda se não pode considerar isso uma renite espasmódica.

Endocrinia, sã. Sem preponderância nem do vago, nem do simpático, gosa dum equilibrio neuro vegetativo perfeito. É uma estenica.

C) PSICOLOGICA

Poderia, a bem da uniformidade, organizar um quadro analitico da face psicológica. Para isso, bastaria empregar o método de Capone, inspirado por Viola. Então, surgiriam aqui medidas das faculdades psíquicas, relações (entre as duas personalidades, a superior, ou cortical, e a subjacente, ou afetiva, por subtração; etc.) e índices (personalidade intelectiva, personalidade afetiva, volitividade, sociabilidade).

Mas descordo quanto aos meios de medidas (conversação e processos psicoanalíticos, ou freudianos), seus grupos (+ 2, + 1, 0, — 1, — 2) e à distribuição das faculdades.

Com efeito, em psicometria, sòmente aceitaria os processos e mensurações já consagrados pela psicologia experimental. Reconheço, entretanto, ainda são insuficientes e pouco sintéticos, prestando-se apenas para crianças até quinze anos (escala Binet-Simon) ou adultos quase incultos, soldados, etc. (escala Yerkes). Para se obter o nível ou perfil psicológico, mesmo as escalas mais perfeitas (de Rossolino, etc.) ainda não satisfazem.

Quanto aos citados índices, noto que não são estanques, encerrando faculdades comuns. A personalidade superior, ou intelectiva, afora a memória e a crítica, contêm a atenção e o autodomínio, antes funções da volitividade. A personalidade afetiva, além de certas tendências, realmente hipotalâmicas (egocêntricas, eróticas, etc.), abrange outras sobre-

tudo volitivas (dominação, oposição) ou sociais (subordinação). Igualmente, as outras duas (volitividade, sociabilidade).

Outras classificações, também, por sua insuficiência, não se me recomendam (tipos positivo e negativo, de Durant; ativo, sensitivo, ou emotivo, e apático, ou hipoativo e hipoemotivo, de Ribot; extravertido e intravertido, de Yung; extratensivo, ou que a manchas de tinta dá interpretações predominantemente visuais, e intratensivo, ou que ao mesmo dá interpretações predominantemente cinéticas, de Rorschach; compensador eficaz do sentimento de inferioridade e o ineficaz, de Adler).

Prefiro adotar a de Kretschemer, baseada nas enfermidades mentais hereditárias.

Sendo as psicoses, como as moléstias físicas, meras acentuações das funções, para mais ou para menos, o observá-las constitui sem dúvida um bom meio para obter-se o conhecimento das faculdades mentais, inclusive os seus grupos naturais, ou psicótipos. Podemos tentar apreendê-los diretamente, sem ideia preconcebida, ou, simplesmente, verificar quais os tipos anátomo-fisiológicos que se encontram nas diferentes psicoses. O segundo processo, parece, foi o que seguiu o psiquiatra nomeado. Notou que os maníacos-depressivos são sobretudo brevilíneos, ou pícnicos, e os esquizofrênicos, longilíneos, ou leptossômicos, ambos com variantes. Firmado nisso, estabeleceu os tipos: ciclotímico e esquizotímico. Depois subdividiu cada um em três graus. Denominou os submórbidos correspondentes: ciclóide, esquizóide. Para defini-los, atendeu à forma (alegria, tristeza; sensibilidade, frieza) e ao grau de regularidade (grande, pequeno) da afetividade, bem como à adequação da resposta à excitação. Os ciclotímicos são muito alegres ou tristes, mas sempre regulares em sua emoção e lógicos em seu comportamento. Os esquizotímicos mostram-se muito sensíveis ou frios, irregulares em sua afectividade e incoerentes em sua reação. Os primeiros vão ao encalço de todos os prazeres, mas são sociáveis e prestativos; os segundos não os disputam, porém se mantêm solitários e egoístas. Aqueles, quando intelectuais, revelam-se artistas objectivos ou sábios indutivos; estes, estetas subjectivos ou pensadores dedutivos, se não metafísicos. Os ciclotímicos como políticos manifestam-se conservadores, mas eficientes organizadores; os esquizotímicos, liberais, porém idealistas ou déspotas.

Tais conclusões estão em desacordo parcialmente com as de Viola, Pende e Naccarati. Parece-me, apesar de sua importância, têm algo de artificial, exigindo novas verificações.

Em todo caso, nas diversas classificações, os tipos principais correspondem-se mais ou menos.

Vou limitar-me a expor singelamente os caracteres psíquicos dos dois casos, sem preocupação quantitativa. E, ao fim, tentarei localizá-los nesses quadros, sobretudo no último.

a) ANTONIO

Tem as sensações e percepções, no conjunto, normais. Sua visão é fracamente hipermétropa (O. D. + 1,25; O. E. + 0,75) e astigmática (+ 0,5). Em compensação, a audição goza dum poder discriminativo acima do vulgar. Distingue com facilidade timbres e intervalos. A cinestesis é apurada, sobretudo quanto à fonação. Reproduz sem dificuldade qualquer ária que ouça. Aprendeu rápidamente línguas estrangeiras, com sua pronúncia própria, mesmo as menos accessíveis a nós. Tem excelente memória, mormente auditiva. Gosta muito de música, aprecia o cinematógrafo, mas raro lê um conto ou uma poesia. Possui raciocínio rápido e seguro. Assimilou sem esforço quer a matemática, quer as ciências físico-naturais. Concluiu recentemente o curso de medicina, pela Faculdade de S. Paulo.

Quanto à afetividade, é discreto. Raramente ri, limitando-se a ligeiro sorriso. Estima aos pais, porém sem exagero. É, talvez, pouco sociável. Parece muito impressionável.

Exprime-se com facilidade. Mas manifesta pouca atividade, o que dificulta julgar-se-lhe a capacidade mental.

Pode-se classificá-lo entre normal (medíocre) e ciclotímico. Entretanto, aproxima-se do tipo apático, de Ribot; do introvertido, de Yung; do intratensivo, de Rorschach. Mas, aos testes dêste deu resposta visual.

b) SONIA

Sensaçoes e percepções, quase iguais às do irmão. Ligeiramente hipermétropa e astigmática. Audição, muito discriminativa. Cinestesia, superior à vulgar. Espontâneamente, sem nunca haver estudado desenho, reproduz bem qualquer paisagem e rosto humano, acentuando-lhe a individualidade. Também os estiliza adequadamente. Repete com facilidade qualquer música pelo canto. Nunca desentoa. Tem voz melhor do que o irmão.

Em compensação, parece ser-lhe inferior em raciocínio. Diplomou-se agora por uma faculdade de filosofia, **Sedes Sapientiae**, no curso de história e geografia.

Afectividade, normal. Não é impressionável como o irmão. Convenientemente sociável.

Expressividade, pronta e desenvolta. Escreve com muita fluência, denotando viva imaginação. Gosta muito de ler romance.

Está bem numa posição intermediária aos dois psicótipos. Mediante exame, manifestou vivência extratensiva.

GENEALOGIA

A genealogia é, como esclareci noutro artigo (**Genealogia e Genética, in Revista Genealógica Latina**, n. 2, ano 1950, p. 39), mera aplicação da genética à humanidade, ou a face genética da biotipologia.

Seu objectivo hodierno deve ser, não elaborar árvores de costados e biografias, mais ou menos inexactas, como outrora, simples trabalho narrativo, mas explicar os caracteres dos homens atuais, vivos, pelos dos anteriores, falecidos ou ainda sobreviventes, e reconstruir os destes pelos daqueles.

Atendendo à sua interdependência, aproveitam-se os dados para correções mútuas. Como os mais accessíveis são os referentes aos contemporâneos, cumpre-nos dar-lhes o máximo de amplitude e, também, de precisão.

Sempre preferimos tratar da genealogia da própria família, afim de satisfazer a vaidade ostentando o parentesco com personalidades que se salientaram na vida social.

Mas, quando pretendemos expor, ao lado das virtudes, os defeitos, inclusive os mais graves, ordinàriamente buscamos linhagem de outrem.

Meu empreendimento, pois, terá poucos imitadores, no presente.

Entretanto, confesso-o desde já, não vou manifestar esse heroísmo, porque me falecem taras capazes de humilhação.

Examinarei agora, embora mui sumàriamente, como aqueles caracteres, morfológicos, fisiológicos e psicológicos, transmitiram-se aos dois indivíduos, através múltiplas transformações, para constituí-los.

Sabemos sem mais dúvida que essa transferência se opera por meio de partículas, os genes, localizados em células originárias das glândulas sexuais, os gametes, nos seus cromôssomas, segundo leis bem determinadas, que expus sintèticamente no artigo mencionado.

Um conjunto de propriedades pode ser condicionado por um só gene, mas certas provêm, cada qual, de um apenas e mesmo algumas se originam, cada qual, de várias dessas partículas (princípio da factoração).

O gene ainda não foi visto, pois sua pequenez o torna inapreensível mesmo pelo microscópio eletrônico atual (até 1/100 de micron). Presume-se seja mera molécula protéica embora muito complexa. Parece uma zímase, aproximando-se da vitamina, do hormonio e, sobretudo, do virus (multiplicável só em célula viva, etc.). Seguramente, no futuro, como essas substâncias, será isolado e preparado sintèticamente. Mesmo sem sair dessa classe química, podem os genes oferecer um número quase infinito de variedades, tanto em sua composição qualitativa, como na tessetura física. Uma molécula proteica de quarenta átomos de carbono, conforme Miescher, tem aptidão para fornecer um milhão de esterioisómeros. Ora, outras encerram setecentos e mesmo mais dêsses átomos.

Infelizmente, a genética ainda está em sua aurora. Apenas nos ensinou até agora, neste particular, a localização de alguns genes em determinados cromôssomas de insetos (moscas, etc.) e a dos transportadores de certas enfermidades nos alôssomas de nossa espécie (no X, feminino: cegueira para o vermelho e verde, cegueira noturna, atrofia do nervo óptico, ausência de glândulas sudoríparas com defeitos nos dentes e pêlos, hemofilia;

no Y, masculino: pele escamosa, dedos palmados; num e noutro: retinite pigmentosa, xerodermia pigmentosa, um tipo de cegueira noturna, certa afecção convulsiva, etc.).

Mais tarde, provàvelmente, permitir-nos-á discriminar, afora os genomas paternos, os seus diversos sub-grupos, através da filogênese: ser vivo, animal, vertebrado, mamífero, primata, homem, raça, nacionalidade, biótipo, avós.

Tratarei aqui apenas de distinguir, no que for mais aparente, os atinentes aos últimos.

Preliminarmente verei, no essencial, a transmissão paterna. Depois, a dos avós e raças.

Para isso, apresentarei das duas famílias, mas inteiramente expurgados dos elementos parasitários: as árvores de costados (reduzidas a quatro casais de cada geração, até os colonizadores mais primitivos dos dois Estados, de maneira a completar as já registadas em nossos livros clássicos, porém sem repetí-las); as sínteses biográficas dos antepassados mais próximos, até a 3ª; a consanguinidade; as enfermidades; os fatores antropológicos, até a 5ª, em recuo, quando se intensificou o tráfico do escravo negro.

A) BIÓTIPO PATERNO

QUADRO ANALÍTICO FUNDAMENTAL

Medidas fundamentais

N. Medidas	N. médios	N. indiv.	Graus c.
1 Valor tronco	24,6	25,5	4
2 Valor membros	133,5	137	2
3 Valor torácico	7,39	11,2	51
4 Valor abdominal total	17,2	14,3	— 17
5 Valor abdominal superior	6,78	5,3	
6 Valor abdominal inferior	10,42	9	
Tórax			
7 Altura externo	14,9	20	33
8 Diâmetro transverso	25,7	28	8,3
9 Diâmetro ântero-posterior	19,3	20	0
Abdomen superior			
10 Xifo-epigástrica	14,3	11	— 23
11 Diam. transv. hipoc.	26,2	23	— 11
12 Diam. ant. posterior hipoc.	18,1	21	16
Abdomen inferior			
13 Epigástrico-púbica	21,9	17,5	— 2,5
14 Diam. bi-ilíaco	26,3	27	0
Membros			
15 Membro superior	56,1	57	1,8
16 Membro inferior	77,4	80	1,7
Medidas compostas			
17 Júgulo púbica	51,1	48,5	— 5,7
18 Altura abdominal total	36,2	28,5	

Relações fundamentais

Tronco-membros

$4 - 2 = 2$

Tronco-júgulo púbica

$4 - (-5,7) = 10$

Diam. ant. post. — diam. transv.

$$\frac{0 + 16 + 16}{3} - \frac{8,3 + (-11) + 0}{3} = 11 - (-3) = 14$$

Abdomen-tórax

$-17 - 51 = -68$

Índices sintéticos

Valor somático

$$\frac{4 + 2}{2} = 3$$

Tipo morfológico

B^4, de Viola; variedade B, de Barbara;

Macrobrevilíneo, de Berardinelli

Êrro específico

$$\frac{2 + 10 + 8,3}{3} = 7$$

Êrro genérico

$$\frac{101}{10} = 10$$

QUADRO ANALÍTICO COMPLEMENTAR

Medidas complementares

1 Altura do crânio	12,5	13	
2 Diam. transv. crânio	14,8	16	
3 Diam. ant. post. crânio	19,1	19	
4 Volume índice crânio	3,53	4	1,4
5 Altura nasal	4,7	5,5	
6 Diam. bi-zigomático	13,3	15	
7 Profundidade nasal	9,9	11	
8 Volume índice nasal	0,6	0,9	
9 Altura bucal	6,7	7.2	
10 Diam. bi-gonionico	9,9	11	
11 Profundidade bucal	11	13,5	
12 Volume índice bucal	0,72	0,9	
13 Volume índice face	1,33	1,8	38
14 Perímetro torácico	83,4	88,5	
15 Estatura	168	170	
16 Peso	60	70	
17 Angulo de Charpy	90	120	
18 Grupo sanguíneo			
19 Pulso	70	62	
20 Tono arterial: sist.	11,5	14	
diast.	7	9	

Relações complementares

Crânio-face

$4 - 1,8 = 2$ Ou: $1,4 - 3,8 = -2,4$

(braquítipo-excedente)

Porção nasal — porção bucal

$0,9 - 0,9 = 0$

Quociente de peso

$$\frac{170}{70} = 2,4$$

Quociente do perímetro

$$\frac{170}{88} = 1,9$$

Tipo morfológico

12, de Valadares

b) ANTONIO

Comparando os dados somáticos de Antonio com os do pai, nota-se inicialmente que são do mesmo tipo, brevilíneos. Têm um tanto diferentes a mor parte das relações e, sobretudo, o ângulo de Charpy (120° — 80° = 40°). Divergem ainda, no tórax, quanto ao diâmetro transverso; no abdomen, quanto à linha xifo-epigástrica e ao diâmetro ântero-posterior. Apesar disso, apresentam várias semelhanças: a relação crânio-face, a da porção nasal-porção bucal, etc.

Como a mãe de Antonio era também do tipo mégalo-splâncnico, oriundo do pai, ainda aparente em todos os irmãos, o brevilinismo dele deve ser atribuido à dupla origem.

Fisiologicamente, pai e filho são vagotônicos, porém êsse com mais intensidade. Provavelmente herdou tal excesso de seu bisavô materno (João Pires de Camargo).

Psicològicamente, a despeito dos dois serem brevilíneos, oferecem a particularidade da predominância do raciocínio sôbre o indutivo.

c) SONIA

De biótipo longilíneo, ela se diferença do pai quanto à massa do tronco, sobretudo em seu elemento superior (tórax). Têm também diferentes a altura do externo e a do abdomen, alguns diâmetros horizontais, o valor índice do crânio. Mas são semelhantes mesmo em pequenas particularidades.

Fisiològicamente, ainda são mais parecidos. Possuem quase completo equilíbrio neuroendôcrino.

Do ponto de vista psicológico, apresentam similitudes, ao lado de algumas divergências. Ambos apreciam a literatura, comprazendo-se em ler novelas e poesias. Mas enquanto um se esquiva do raciocínio, o outro se deleita em resolver problemas, maximé abstratos. Essas dessemelhanças, entretanto, podem ser mais aparentes do que reais, provenientes apenas da diferença de idades.

B) ÁRVORES DE COSTADOS DE

Antônio Pompeu de Sousa Brasil, n. 30.10.1925, em Piraju; e Sônia Maria de Sousa Brasil, n. 3.10.1927, em Atibaia, no Estado de S. Paulo.

a) MATERNA

MÃE

Zulmira Alves do Amaral, n. 30.7.1889, em Atibaia; c. 27.2.1924, f. 20.11.1948.

AVÓS

Claudino Alves do Amaral, b. 13.7.59; c. 15.11.84; f. 28.5.1922. Maria Jacinta da Silveira, n. 7.8.1861; c. idem; f. 26.3.1939.

BISAVÓS

Zeferino Alves do Amaral, f. 1851. Maria da Conceição.
João Pires de Camargo. Maria Joaquina da Conceição.

TRISAVÓS

Jacinto Alves do Amaral, c. 1809. Maria do Espírito Santo Álvares.
Francisco Pires Pimentel, c. 1814. Maria Jacinta da Silveira.

QUARTOS-AVÓS

Antônio Alvares do Amaral, c. 1780. Ana Franco da Silveira.
João Pires Pimentel, c. 1783, f. 1799. Maria Antônia Franco.

QUINTOS-AVÓS

Rafael Cordeiro do Amaral, c. 1749. Ana de Ribeira Cardoso, f. 1805.
Joaquim Bueno de Azevedo, c. 1767. Mécia Ferreira de Camargo.

SEXTOS-AVÓS

Antônio Alvares Cardoso. Ana de Ribeira Bueno, f. 1738.
Manuel Bueno de Azevedo. Francisca Pires Siqueira, f. 1758.

SÉTIMOS-AVÓS

Francisco Cubas Mendonça, f. 1718. Ana de Ribeira da Luz, f. 1741.
Bartolomeu Bueno de Azevedo. Maria de Lima do Prado.

OITAVOS-AVÓS

Sebastião Preto Moreira, f. 1696. Mariana Bueno, f. 1687.
Francisco Bueno de Camargo. Mariana Freitas de Azevedo.

NONOS-AVÓS

Amador Bueno de Ribeira (ouvidor, cap.-mor em 1627, aclamado rei em 1641). Bernarda Luís.
Bartolomeu Bueno de Ribeira (o moço), c. 1634. Mariana Camargo.

DÉCIMOS-AVÓS

Bartolomeu Bueno de Ribeira, de Sevilha (Espanha). Maria Pires.
Josepe Camargo, de Castela (Esp.). Leonor Domingues, f. 1630.

UNDÉCIMOS-AVÓS

Salvador Pires. Mécia Fernandes.
Domingos Luís, de Carvoeira (Port.) (caval. prof. da ord. do Cristo), f. 1615. Ana Camacho, f. 1613.

DUODÉCIMOS-AVÓS

Antônio Fernandes, português. Antônia Rodrigues.
Gonçalo Camacho, de Viana (Port.). N... Ferreira.

DECIMOTERCEIROS-AVÓS

Antônio Rodrigues, português. Antônia.
Jorge Ferreira, português, cap.-mor. Joana Ramalho.

DECIMOQUARTOS-AVÓS

Piquirobi, cacique de Ururaí. ...
João Ramalho, de Bouzela (Vizeu, Port.) (cav., fundador de S. André da Borba do Mato, cap.-mor. Mbici (Bartira, Izabel Dias).

DECIMOQUINTOS-AVÓS

... ...

Tebiriçá, cacique de Inhapuabuçu.

b) PATERNA

PAI

Pompeu Pequeno de Sousa Brasil (dr.), de Fortaleza (Ceará), n. 10.7.1886, c. 27.2.1924.

AVÓS

Antônio Pompeu de Sousa Brasil (dr.), de Fortaleza, n. 29.3.1851, c. 15.2.79; f. 26.1.86. Ambrosina Alves Pequeno, do Crato (Ceará), n. 26.4.1861.

BISAVÓS

Tomás Pompeu de Sousa Brasil (senador), de S. Quitéria (Ceará), n. 6.6.1818, f. 2.9.77.

Felismina Carolina Filgueiras, n. 1827, f. 1905 (filha de Maria Escolástica Vieira e Manoel Inácio Filgueiras, sobrinho e ajudante de ordens de José Pereira Filgueiras, cap.-mor do Crato, que impôs a independência às Províncias do Piaui e Maranhão, vencendo Fidié, e, após depor o Presidente Costa Barros e substituí-lo por Tristão de Alencar, proclamou a república do Ceará, em 1824).

Antônio Luis Alves Pequeno, n. 1817, c. 27.6.52; f. 17.11.84. Maria Pinto Nogueira, do Icó, n. 1832, f. 1892.

TRISAVÓS

Tomás de Aquino e Sousa, do Rio Grande do Norte, n. 7.3.1780. Geracina Isabel, n. 9.11.1777.

Antônio Luís Alves Pequeno. Rita Francisca Tavares.

QUARTOS-AVÓS

Antônio José de Sousa e Oliveira (escrivão da Fazenda em Natal, R. G. do Norte). Joana Teixeira de Melo, de Entremoz (R. G. do Norte).

José Luís Pestana de Vasconcelos, de Pernambuco (pai de Geracina). Isabel Pinto de Mesquita.

QUINTOS-AVÓS

Francisco de Sousa e Oliveira (avô do padre Mororó, mártir da revolução republicana de 1824). Tecla Roís Pinheiro.

João Pinto de Mesquita, de Bastos (Braga, Port.), n. 1703, c. 1726, f. 1783 (sargento-mor, pai de Isabel). Teresa de Oliveira Magalhães, do R. G. do Norte, n. 1710, f. 1765 (irmã de Antônio Roís, fundador de Sobral).

SEXTOS-AVÓS

João Pinto de Mesquita (pai do homônimo). Isabel de Moura.

Luís de Oliveira Magalhães (pai de Teresa). Isabel Rodrigues.

Infelizmente, não pude obter as datas principais referentes aos nomeados além dos bisavós, salvo uma ou outra. Também, não consegui perfazer a árvore de costados paterna, encerrando-a nos sextos-avós, mesmo para chegar aí necessitei no fim modificar minha ordem. Sei, entretanto, foi, quanto à ascendência do Senador Pompeu, estendida até uma geração remota, pelo notável intelectual Soares Bulcão, devendo breve ser publicada pelo

Instituto do Ceará. Conheço a mais, apenas, os pais de José Luís (presumo-o, antepessados do padre Miguelinho, outra vítima da revolução de 1824) e os de Joana Teixeira.

C) SÍNTESES BIOGRÁFICAS

Com isso, apenas pretendo sugerir o que meus filhos devem aos seus antepassados mais próximos.

a) Tomás Pompeu de Sousa Brasil (Senador Pompeu). N. aos 6.6.1818, em S. Quitéria, Ceará; f. aos 2.9.1877. Filho legítimo do capitão de milícias Tomás de Aquino e Sousa (de Natal, R. G. do Norte) e Geracina (neta do sargento-mor João Pinto de Mesquita, português, de Braga, cunhado do cap. Antônio Rois de Magalhães, fundador de Sobral, Ceará).

Em 1836 seguiu para Pernambuco, afim de cursar uma escola de ensino superior, gastando três meses em sua viagem marítima, devido a um desarranjo no patacho que o transportava. Havendo seus pais, fazendeiros no interior da Província, perdido quase todos os recursos, em consequência das últimas secas, para poder continuar os estudos, ia receber de parte da família, cotizada entre si, modesta pensão. Mas essa deixou de ser remetida ao fim de seis meses. Para se manter, fez-se professor. Formou-se em direito aos 24.10.1843.

Em 1845 se apresentou à eleição de deputado à Assembléia Geral, fora da chapa do partido liberal, contra a vontade de seu chefe, padre José Martiniano de Alencar, espírito patriótico, sem dúvida, porém fraco e egoísta, que dirigira as revoluções republicanas, mas o negara, para não ser perseguido (filho do padre Miguel Carlos da Silva Saldanha e de Bárbara Pereira de Alencar, heroína da insurreição de 1817, e pai de José de Alencar, o maior de nossos literatos).

Tornou-se chefe do partido liberal, desde o falecimento do Senador Alencar, em 1860. Diretor e redator dos jornais políticos **Cearense** e **Brasileiro.** Eleito senador em 1864.

Nunca aceitou ministério oferecido por supostos gabinetes de conciliação, que visavam antes adesão ao partido conservador, porque sempre fôra conscientemente liberal e partidário de Teófilo Otoni (como o narra em sua autobiografia, ainda inédita).

Foi director do Liceu Cearense, ao fundar-se, e um de seus professores.

Publicou, afora artigos em revistas, as obras seguintes: **Compêndio de Geografia** (1851, adotada pelo Colégio Pedro II, 4ª ed. em 1864), **Memória sôbre a Estatística da População e Indústria da Província do Ceará,** 1857, **Memória sôbre a Conservação das Matas e Arboricultura como Meios de Melhorar o Clima da Província do Ceará,** 1859, **Ensaio Estatístico da Província do Ceará,** em 2 tomos, 1864, **Discurso,** 1866, **Sistema ou Configuração Orográfica do Ceará,** 1877, **Memória sôbre o Clima e Secas do Ceará,** 1877.

Em resumo, o Senador Pompeu, profissionalmente, fez-se por si; politicamente, sempre se manteve liberal (sacrificando não raro interesses individuais aos do país); cientificamente, elaborou o primeiro tratado de geografia do Ceará (em 2 v., in 4, com 1170 p. p.), em 1863, com admirável precisão, fonte básica dos conhecimentos dessa matéria, até hoje; e, também, o primeiro estudo de nossas secas, dando-lhes o histórico, em parte com o que delas observara pessoalmente, suas primeiras generalizações (os diversos ciclos, a alternância com períodos de muitas chuvas, a coincidência com modificações de ventos, etc.) e propondo sôbre sua causa uma hipótese preliminar (não parada dos alíseos, que trazem a humanidade do atlântico, ou o seu soerguimento, em consequência dum retralmento das calmas equatoriais, zona em que incidem perpendicularmente os raios solares, devido a uma alteração num dos movimentos da Terra ou do sistema solar).

Veja-se sua biografia por Joaquim Manuel de Macedo, fundador de nosso romantismo em prosa, na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil,** tomo XL, parte segunda, p. 558, 1877.

O País pôs-lhe o nome numa das ruas da Capital e o Estado do Ceará, afora numa rua de Fortaleza, também numa cidade.

b) Antônio Luís Alves Pequeno. N. em 1817, c.-se no Icó, em 1852 e f. no Crato, em 1884. Residia nessa cidade. Negociante. Estimulou no Cariri o plantio do algodão e foi o primeiro a instalar ali, em Missão Velha, num sítio seu, motor para o beneficiamento da cana de açucar, em 1850.

Formou dois de seus filhos, um em direito, no Recife, e outro em medicina, no Rio de Janeiro.

Chefe local do partido liberal. Como presidente da Câmara, em 1853, construiu o primeiro cemitério, acabando com o anti-higiênico enterramento nas igrejas.

Coronel comandante superior da Guarda Nacional no município, 1865. Na guerra do Paraguai, incentivou o alistamento militar e custeou pessoalmente as despesas de seus primeiros voluntários. Cavaleiro da Ordem da Rosa, 1868. Presidente do primeiro conselho diretor da Casa de Caridade. Doou ao primeiro bispo do Ceará um terreno para a construção dum seminário.

Leia-se sua biografia, por Irineu Pinheiro, nas **Efemérides do Cariri**, nota LII.

c) Antônio Pompeu de Sousa Brasil. N. aos 29.3.1851, em Fortaleza, c.-se aos 15.11.1879. f. aos 26.1.1886. Médico pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1873.

Foi um dos redatores da **Revista do Instituto Acadêmico**. Publicou: **Da Acupressura, Eletricidade, Tratamento das Fraturas Complicadas e o Óleo de Fígado de Bacalhau Considerado Fisiológica, Terapêutica e Farmacológicamente**, teses de doutoramento, aprovadas com distinção. Aperfeiçoou-se em cirurgia em Viena, Berlim e Paris, durante dois anos. Exerceu essa profissão em Fortaleza.

Falava corretamente vários idiomas (afora o português): espanhol, italiano, francês, alemão, árabe. Além dêsses, traduzia o latim, magiar e outros (Segundo Antônio Drumond, **O Norte**, 21.7.1943.

Instalou no Ceará a primeira fábrica de tecidos.

Fortaleza deu-lhe o nome a uma de suas ruas.

Veja-se sua biografia, pelo Barão de Studart, no **Dicionário Biobibliográfico Cearense**, v. I, p. 124, 1910.

d) Pompeu Pequeno de Sousa Brasil. N. aos 10.7.1886, em Fortaleza, c.-se aos 27.2.1924. Diplomado em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1909. Exerceu sua profissão no Ceará, depois no R. G. do Norte, e por último, em S. Paulo. Também a desempenhou como funcionário público, primeiro, no Estado natal, no interior, junto a uma Comissão de Estudos da Rêde de Viação Férrea, depois, em Fortaleza, na Polícia, ao fim, em S. Paulo.

Colaborou em alguns jornais (República, Unitário, etc.) e revistas (Bahia Médica, Revista do Brasil, etc.). Publicou, afora vários artigos, as obras seguintes: **Classificação em Psiquiatria**, tese de doutoramento, 1910; **Poesias**, 1928; **O Cearense e a Literatura Regional**, 1928; **As Bases Científicas da Estética**, 1937. Tem algumas inéditas: **Contos, Ensaios de Estética, Ensaios Científicos de Genealogia.**

Leiam-se os juízos críticos sôbre seus livros ou ideias: quanto às primeiras poesias, o de Osório Duque Estrada, no **Correio da Manhã**, do Rio de Janeiro, entre 1909 e 1910, quanto à crítica artística, o de Francisco S. Bueno, num vespertino de S. Paulo, em 1928; quanto à estética, o de Djacir Menezes, em **O Estado**, de Fortaleza, 1 e 43.1938, e o de Charles Lalo, na **Revue Philosophique**, da França, 1939, ns. 1 e 2, p. 88.

Em resumo, concebeu sucessivamente duas hipóteses sôbre a natureza da arte: indução implícita (ciência por imagens) e emprêgo da expressão. A segunda é a solução do problema, portanto, o fundamento da estética.

Quanto à biografia dos avós maternos de Antônio e Sônia consultem-se a **Genealogia Paulistana**, por L. G .da Silva Leme, em v. s, 1903, e outros repositórios da história paulista, sobretudo a **História de Atibaia**, por V. Franco da Silveira, 1950.

D) A CONSANGUINIDADE

Meus filhos têm consanguinidade muito acusada no ramo materno da família. Começou, como nas demais brasileiras, na 2ª geração. Mas só se intensificou depois.

Aqui, como por toda parte, foi a consequência da intimidade social, conveniências econômicas e dificuldade de comunicação.

Nessa árvore genealógica, notam-se primeiro as endogamias de Pires, Buenos de Ribeira, Pretos (originários de portuguêses), Rendons, Cardosos, Siqueiras. Em seguida vieram as de Francos, Camargos, Silveiras, Godói Moreira, Amarais.

Vou discriminá-las nas cinco últimas gerações, quando atingiram o máximo.

Os antepassados da avó, na 10ª, apenas mantinham parentesco remoto, referente a Camargos, Pires e Francos, mas desde a 11ª tomaram o mesmo sangue bilateralmente, no começo, como primos em 4º e 3º graus (Silveiras, Francos), depois (nos bisavós), em grau mais próximo e dos dois lados, e, ao fim, como primos em 1º, concernente a Amarais.

Os antepassados do avô, na 10ª só têm parentesco num dos quatro casais, em Álvares, mas na 11ª já a apresentam nos dois casais, sendo num entre tia e sobrinho, Amarais, e na 12ª (bisavós) mostram-no como primos em 1º, de origem quádrupla.

Na árvore de costados paterna, Sousas e Pequenos, não houve consaguinidade, salvo possivelmente no início (2ª e 3ª gerações).

Tratarei de seus efeitos, aliás fracos, mais adiante.

E) A ENFERMIDADES

Geralmente, tudo ou quase tudo ignoramos sôbre nossos antepassados, a partir dos bisavós para atrás, porque já desapareceram quando nascemos ou o fazem pouco depois. Nossos pais, para não sofrer o sentimento desagradável da saudade, raro se lhes referem e sempre mui vagamente, sobretudo quanto aos defeitos. De nossa parte, não suscitada a curiosidade, nada ou pouco indagamos deles.

O Senador Pompeu faleceu aos 59 anos de idade, parece de insuficiência aórtica. Incidentemente, narra um de seus filhos: "... arfando com as torturas de sufocante dispnéia, edemaciado, quase cego, escrevia em favor do solo natal, no **Cearense**, preconizando a açudagem..." (Tomás Pompeu Filho, **O Ceará no Centenário da Independência do Brasil**, v. I, p. 365).

Felismina C. Filgueiras sofria duma bronquite crônica inespecífica. Extinguiu-se já bem velha.

Antônio Luís A. P. sucumbiu aos 67 anos de idade.

Maria Pinto Nogueira, que ainda conheci, era muito gorda. Morreu aos 60 anos.

Antônio Pompeu de S. B. faleceu duma aneurisma aórtica, aos 34 anos de idade. Era hipersensivel ao iodo. Certa vez, havendo ingerido disso uma dose terapêutica, teve um início de edema da glote.

Ambrosina Pequeno tem presentemente 90 anos de idade. Goza de relativa validez. Vai só a uma igreja próxima de sua casa e escreve carta com letra firme e sem incoerência.

Pompeu P. de S. Brasil sofria de renite espasmodica, atribuida a um desvio do septo nasal. Operado, manteve-se são vários meses. Depois, restabeleceu-se-lhe o mal durante três anos. Ao fim, progressivamente, atenuou-se, reduzindo-se a um mínimo, quase imperceptivel. Apresenta discretamente, há alguns anos, varizes.

Quanto aos bisavós maternos de meus filhos, apenas consegui saber o seguinte:

Zeferino A. do Amaral, quando passeava a cavalo, teve uma síncope cardíaca, provavelmente por infarto do miocárdio.

Maria da Conceição foi vítima de parto.

João P. de Camargo tinha asma crônica, que muito o molestara na senectude. Faleceu aos 82 anos de idade, aproximadamente.

Maria Joaquina da C., já velha, sofria dos rins.

Claudino A. do Amaral, na velhice, afora asma fraca (pigarro, como vulgarmente se chama), tinha nefro-esclerose. Faleceu aos 62 anos de idade, de uremia, provocada por uma prostatectomia.

Maria J. da Silveira, que conheci, era uma mulher inteiramente sã e normal. Morreu bem velha, devido a um derrame cerebral, ocorrido alguns meses antes.

Zulmira A. do Amaral, ao casar-se, já sofria de asma. Apresentava então acessos fortes, porém espaçados. Só muiots anos depois seu mal se agravou. Faleceu aos 59 anos de idade, em consequência de atonia cardíaca, determinada pela dificuldade respiratória.

F) OS ELEMENTOS ANTROPOLÓGICOS

As duas famílias são originárias, quase na totalidade, de portuguêses e indígenas sul-americanos. Também provêm, mas discretamente, uma de espanhóis e outra, talvez, de holandeses.

Seus antepassados, no comêço do século XVI, foram colonizadores lusitanos e mulheres selvícolas, geralmente filhas de caciques (Tebiriçá, de Inhapuabuçu; Piquirobi, de Ururaí, etc.).

Essas aborigenes eram sobretudo tupis, que habitavam o litoral do país, primeira zona conquistada, quer em S. Paulo (tupiniquins, etc.), quer no Nordeste (tupinambás, potiguaras, etc.). Concorreram para aquilo, seguramente, também, mas depois, outras nações dessa raça (guaianases, cariris, etc.).

As indígenas, como amantes ou esposas, só foram substituídas pelas européias e suas descendentes, mais ou menos mestiças, tardiamente. Os mamelucos, apesar do ódio votado aos irmãos, nunca as desprezaram. Sabemos com que crueldade, indigna até de civilizados, os invasores, não podendo utilizar os naturais como escravos, em suas indústrias incipientes, sistemàticamente os trucidavam e afugentavam para o interior do continente, com suas sucessivas **entradas** e **bandeiras**. Entretanto, permitiram-nos colaborar, em não pequena dose, para a formação da nacionalidade. Esclarece-o Pompeu Sobrinho (**O Homem do Nordeste, in Boletim da Inspetoria F. de Obras Contra as Secas**, 1934, agosto, p. 60): "O contingente indígena que se não aproveitou, pelas baixas nas lutas de extermínio movidas pelos colonos contra tribos reacionárias ou pelas fugas para regiões distantes, fora do âmbito das caatingas, ou ainda pelas lutas intestinas de tribos contra tribos, não foi avultado em relação com o que se incorporou para a formação da população atual. É lógico deduzir-se isso da rapidez com que se povoou o sertão, etc."

Depois, como antepassados de meus filhos, continuaram a intervir portugueses, de mais a mais preponderantemente. Êsses, aí, ainda subsistem puros, parcialmente, na 6ª geração ascencional do ramo materno, possivelmente mesmo adiante, e na 11ª do ramo paterno.

O espanhol puro, igualmente, na 3ª (Bartolomeu Bueno de Ribeira, chegado a S. Paulo em 1571), na 6ª (João e Francisco Rendons, de Cória, fidalgos) maternas.

Quanto a holandeses, segundo monsenhor Pequeno (ex-reitor do Seminário de S. Paulo, mui lastimada vítima dum desastre de aviação, há poucos anos), foram êles que deram a linhagem dos Pequenos, como algumas outras mais do Nordeste, escapas da expulsão, após a vitória dos brasileiros, em virtude do tratado de paz (1661) entre os dois países, do internamento pelos sertões e da mestiçagem, durante vinte e quatro anos.

Faltam-me dados para estabelecer percentagens exatas dessas diferentes raças na constituição da estirpe.

* * *

Como se viu atrás, os dois irmãos, sendo descendentes de indígenas, portugueses, espanhóis e, quiçá, de holandeses, originam-se de duas raças, uma vermelha (mongoloide) e outra branca.

Poderíamos reconhecer o que devem ao primeiro etno (ou melhor, antropo), após tantas gerações de miscigenação preponderantemente branca? . . .

Eis um problema muito complexo, mormente sem o auxílio cabal dos dados históricos

A vista do atraso da ciência, não dispomos de outros meios para dar-lhe solução, nem mesmo aproximada.

Entretanto, tentarei esboçá-la em seus traços mais gerais.

Os biólogos hodiernos divergem até sôbre o valor classificativo dos biótipos.

Uns presumem que êles se encontram igualmente em todas as raças (Van Rhoden, Brugsch, etc.). Alegam uma tendência natural dos organismos à variação de peso regularmente em tôrno dum tipo médio, segundo a lei dos erros acidentais, de Quelet-Gaus, aplicada à biotipologia por Viola (1907). E atribuem tais oscilações a condições climatéricas, alimentares, sociais (Stockard, Bean) ou a influências endócrinas (Paulsen).

Outros biólogos afirmam que, em cada raça e mesmo em cada nacionalidade bem caracterizada, há sempre predominância de um biótipo (Stratz, Wenkebach, Pfuhl). Susten-

tam que, na mor parte, os brancos são normo ou brevilíneos, os negros longilíneos e os amarelos brevilíneos.

Geralmente, de fato, os europeus do norte incluem-se no tipo leptossômico, mas os do sul no pícnico ou no normal. Consoante Piper, os penúltimos abundam nos Alpes.

Pode-se admitir que as variações biotípicas essenciais não derivam da adaptação mesológica ou de perturbações hormônicas, porque são hereditárias. Fôra mero romantismo ainda querer explicá-las com a presença ou ausência de iodo na atmosfera. Resultariam, quando não de mutações (gênicas), apenas do abuso de se tomarem par medidas, nas relações do tronco e de suas partes, todos os diâmetros, em vez de sòmente as alturas, afim de prescindir da engorda.

O selvagem sul-americano é, geralmente, de estatura baixa e tronco amplo, tal como o descrevem os cientistas que o têm visitado.

Assim era o do nordeste.

O ibérico é, na maioria, sub-longíneo ou normolíneo. Só o louro tende para a microsplancnia, sobretudo astênica.

Podem-se atribuir, pois, em nosso povo, numa ampla generalidade, embora algo artificial, o tipo brevilíneo ao indígena, o normolíneo ao ibérico e o longilíneo ao negro ou ao holandês.

Eis a única conclusão que nos permite um bom raciocínio sôbre este assunto.

Outra questão interessante é a quantidade global dessa herança. Não oferece complexidade. Apenas requer grande esfôrço de investigação histórica e a aplicação de certas fórmulas.

Os dois irmãos deveriam às primeiras avós selvagens (Mbici Tebiriçá, Antônia Piquirobi, etc.), bem como aos seus maridos portugueses (João Ramalho, Antônio Rodrigues. etc.), se não tivesse havido consanguinidade, a 32.448ª parte do genótipo. Dá-nos fácilmente êsse resultado a fórmula genealógica: $A\chi = 2^{\chi}$ (A, número de antepassados; x, geração). Como houve endogamia iterativamente, aquele número deve sofrer certa minoração. Outras fórmulas fornecem-nos o resultado nessas condições. (Veja-se o meu artigo: **Genealogia e Genética**).

Parece-me que o genótipo brasileiro possa ser estabelecido assim: português 30/100, outros europeus 10/100, indígena 35 a 30/100, negro 30 a 25/100. Como se vê, é uma raça bem adaptada ao meio (pigmento, etc.). Daria os três biótipos na mesma quantidade.

O genótipo das duas famílias estudadas: indígena 40/100, português, 50/100, outros europeus 10/100. Produziria sobretudo normótipos. De negro pode ter algo, mas apenas indiretamente, pelo ibérico e o indígena, esposando-se o conceito de Rivet e outros (migrações polinésias, etc., pré-históricas).

g) OS PARATIPOS

O que os organismos possuem de não hereditário, ordinàriamente, não é muito. Demais, surge depois da idade madura.

O instinto de conservação afasta o homem dos incidentes maléficos e as funções eliminatória, antitóxica e imunisante defendem-no das moléstias. Só na velhice, quando êsses meios de proteção declinam, é que os órgãos se deterioram, refletindo seus defeitos na superfície do corpo.

Os dois irmãos têm pouco mais de vinte anos. Seus parátipos reduzem-se a muito pouco , quase nada. Apenas apresentam maior pigmentação da pele e do cabelo, em consequência de insolação natural e propositada, raras e minúsculas cicatrizes, provenientes de catapora e de acne, e, nos pés, alguns calos.

Só mais tarde, quando aparecerem as doenças crônicas e incuráveis, é que verão os caracteres exôgenos se acumularem de mais a mais.

Isso, entretanto, merece menos atenção. Sòmente tem grande importância o que recebmos dos pais e transmitimos aos filhos, êsses fragmentos esparsos do germe de nossa espécie.